

Os Caminhos da Etnografia Madeirense. Pistas para um Estudo

The Ways of Madeiran Ethnography. Clues to a Study

*Jorge Torres*¹

Resumo

Após uma precisão de conceitos, será feita uma breve proposta de definição das diferentes fases do trabalho etnográfico realizado na Madeira. Serão referidos os seguintes períodos: um primeiro, caracterizado por referências esporádicas em livros, sejam obras de visitantes estrangeiros ou nacionais; depois, por volta dos anos 20 do século passado, surge um conjunto de trabalhos tendentes a registar o que seriam os elementos de uma cultura tradicional especificamente madeirense; em quase todos estes contributos, destaca-se a ausência de perspetiva comparativa, o que levou a frequentes casos de “regionalização” de elementos culturais de vastas áreas ou mesmo de todo o Portugal; serão apresentados alguns exemplos, como publicações diversas sobre a linguagem; uma terceira fase, que poderemos situar a partir do 25 de Abril de 1974, que assiste ao surgir de muitos trabalhos etnográficos. Serão abordados diferentes caminhos seguidos – artigos em publicações periódicas, o contributo dos grupos folclóricos, a Universidade da Madeira, etc. Após a sua análise sumária, serão traçados possíveis caminhos para o futuro da etnografia madeirense.

Palavras-chave: Etnografia madeirense; Folclore; Visitantes na Madeira.

Abstract

After defining the concepts, a proposal for the definition of the different phases of the ethnographic work done in Madeira will be presented. The following periods will be mentioned: a first one, characterized by sporadic mentions in books, either by foreign

¹ Licenciado em antropologia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa) e Mestre em Museologia pela Universidade de Coimbra. Membro da Associação Xarabanda desde 1992. Tem extenso trabalho de campo efetuado na Madeira, essencialmente em recolhas de aspetos da cultura tradicional. É autor ou coautor de bibliografia nos campos da tradição cultural madeirense, com especial ênfase na sua componente musical e bibliográfica. Endereço eletrónico: jorgemtorres@gmail.com.

or Portuguese visitors; afterwards, around the 1920s, there is a set of works aiming at identifying the elements of a specifically Madeiran traditional culture; almost all of them lack a comparative perspective, leading to several cases of “regionalisation” of cultural elements that are common to large areas or even to all the country; some examples are given, as the publications on the language; a third phase, we can place after the 25th April 1974, that sees the blooming of many ethnographic works. The different paths followed will be mentioned – articles in journals, the contribution of folklore groups, the University of Madeira, etc. After its brief analysis, some possible ways for the future of Madeiran ethnography will be presented.

Keywords: Madeiran Ethnography; Folklore; Visitors in Madeira.

A fim de facilitar a comunicação, é importante começar por deixar claro o conceito de “etnografia” que vai estar subjacente. Há diferentes definições que, ao longo dos tempos, têm variado, tendo mesmo dado origem a escolas teóricas divergentes, senão mesmo opostas. Como não interessa, neste contexto, elaborar qualquer discussão teórica sobre o tema, assume-se como “etnografia” o ramo da ciência que descreve aspetos de uma cultura. Não deixando o conceito com este aspeto tão minimalista, vamos ainda acrescentar que, tendencialmente, aborda os aspetos da tradição cultural das classes populares da Madeira, que tem sido alvo de numerosos trabalhos, aqui considerados.

1. Tentativa de Periodização da Etnografia Madeirense

Na Madeira, os textos sobre a vida do seu povo foram assumindo carácter diferenciado, ao longo dos tempos e em função dos seus autores.

a. A Etnografia Ocasional

Nos primeiros séculos do povoamento, numerosos autores visitaram o arquipélago da Madeira e acabaram por escrever algo sobre o que observaram. Até aos finais do século XIX, a grande maioria das referências bibliográficas acaba por ser de autores estrangeiros, que passaram pela Madeira no contexto de viagens mais longas, nalguns casos com anos de duração. Por vezes, mesmo como escala de viagem, a permanência na ilha acabava por se prolongar por semanas ou meses. Mas também existem relatos de estrangeiros que se fixaram por cá durante períodos

relativamente longos. Neste caso, pode apontar-se a edição do diário de Isabella de França, em que relata a sua estadia de longos meses entre 1853 e 1854².

Há diversa bibliografia publicada sobre essas impressões de viagem de estrangeiros, algumas reproduzidas à exaustão, pelo que não se particularizam aqui. Poderão referir-se algumas coletâneas: a organizada por António Ribeiro Marques da Silva, *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha: 1687-2000*, editada no âmbito das comemorações dos 500 anos do Funchal; na mesma coleção, existe uma outra obra que merece igualmente ser referida: *A Madeira vista por escritores portugueses (séculos XIX e XX)*, esta de autoria de Rui Nepomuceno; para os autores de idioma germânico, a referência inevitável vai para Eberhard Axel Wilhelm, grande divulgador da presença de cidadãos alemães e austríacos na Madeira. A principal referência será *Visitantes e escritos germânicos da Madeira 1815-1915*. Uma listagem da sua extensa bibliografia sobre o tema pode ser encontrada numa outra obra mais recente, *Firmas e visitantes germânicos na Madeira*. Por último, temos *A Madeira vista por estrangeiros 1455-1700*, coordenado por António Aragão.

Deve apenas ser mencionado o facto de, para muitos dos europeus que visitaram a Madeira, esta ser o primeiro ponto exótico/africano em que faziam escala. Daí que tivessem a tendência para destacar os aspetos mais estranhos que observaram (nalguns casos, nem sequer se pode dizer que observaram: tiveram uma visão muito pontual, depois completada, de regresso às suas terras de origem, por uma imaginação mais ou menos fértil). Vem aqui a propósito recordar que a numerosa edição de gravuras, principalmente no Reino Unido, foi, durante muito tempo, a origem de afirmações descabidas, resultantes de uma observação da iconografia que ignorou as condições da sua elaboração. Sabe-se que muitas das imagens publicadas resultaram de um trabalho posterior de elaboração de esboços feitos localmente. Como é natural, a imaginação “enriqueceu” as falhas da memória, ou tornou o resultado mais dramático, crítico ou risível. Daí que se deva ter o máximo cuidado na interpretação destes testemunhos antigos³.

Alguns portugueses também por cá passaram e talvez possamos detetar uma tendência para textos com um carácter mais impressionista do que preocupado com as descrições da realidade. A proximidade cultural terá dificultado o distanciamento

² FRANÇA, 1970, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal 1853-1854*, tradução portuguesa de um original manuscrito, adquirido por Frederico de Freitas em Londres e traduzido por João Cabral do Nascimento.

³ Sobre este assunto, publicou Paulo Freitas um elucidativo trabalho na *Revista Xarabanda*: FREITAS, 1996, «Como íamos dizendo...», pp. 17-19.

indispensável para uma observação mais criteriosa da vida das camadas populares, até por ter muitas semelhanças com o que se poderia encontrar em diversas zonas rurais do restante país.

De uma forma abreviada, podemos caracterizar a generalidade destes trabalhos como um registo de curiosidades encontradas pelos visitantes na Madeira, nalguns casos mediante a sua observação direta, embora também recorrendo a informantes locais (pouco frequente) ou estrangeiros residentes e, frequentemente, transcrevendo de outros livros os dados relevantes, muitas vezes sem qualquer referência às fontes.

b. Etnografia Regionalista

Nos inícios do século XX, essencialmente após a implantação da República em Portugal, surgiu uma primeira fase de busca da autonomização da Madeira. Dentro desse “movimento”, a etnografia regional teve o seu lugar e houve então um conjunto de eruditos locais que construíram uma visão do que seria a realidade tradicional madeirense. Podemos referir, como os mais destacados, Alberto Artur Sarmiento, Carlos M. Santos, Eduardo C. N. Pereira, Fernando Augusto da Silva, João Reis Gomes, ou Alfredo de Freitas Branco, Visconde do Porto da Cruz.

Do conjunto da sua obra, ressalta uma imagem criada a partir de uma observação local, com uma procura de especificidades, em geral sem ter em consideração realidades mais vastas em que esta se inserisse. Vemos a caracterização do traje, dos instrumentos musicais, das danças, da literatura oral tradicional, etc. Em termos históricos, houve realce para as supostas influências norte-africanas e dos escravos.

Particularizando um pouco alguns dos seus contributos, podemos abordar, em primeiro lugar, os trabalhos de Carlos M. Santos. Essencialmente, editou dois livros, que são, ainda hoje, referências incontornáveis sobre a tradição musical – *Tocares e cantares da ilha. Estudo do folclore da Madeira* e *Trovas e bailados da Ilha. Estudo do folclore musical da Madeira* – além de *O Traje Regional da Madeira. Estudo*. A sua abordagem sobre os instrumentos e géneros musicais tradicionais continua a ser muito seguida. O facto de ter sido responsável por grupos folclóricos, como o da Casa do Povo da Camacha, ou outros agrupamentos musicais, contribui igualmente para a sua credibilidade. Muito do seu trabalho resulta de recolhas próprias, embora tenha também usado a rede de contactos que formou a partir da sua atividade jornalística. A sua publicação sobre o traje continua a ser alvo de muita citação, embora se trate de um tema bastante estudado e aprofundado desde então.

O Visconde do Porto da Cruz foi autor de obra diversificada, publicada em variadas pequenas brochuras e reunidas, no essencial, num livro com o título *Folclore madeirense*. Trata-se de uma obra abarcando muitos temas da tradição regional, mas sempre de uma forma pouco aprofundada.

Alberto Artur Sarmiento tem uma obra muito variada, essencialmente sob a perspetiva histórica, a que acrescentou uma série de pequenos trabalhos de caráter etnográfico, geralmente dispersos por jornais e revistas regionais. Foi o grande defensor da suposta influência norte-africana e dos escravos na cultura tradicional da Madeira.

Fernando Augusto da Silva e Eduardo C. N. Pereira são os autores/coordenadores das duas grandes sistematizações do conhecimento regional neste período. O primeiro coordenou, com Carlos Azevedo de Meneses, o *Elucidário Madeirense*. Editado pela primeira vez no âmbito das comemorações do quinto centenário da descoberta, teve sucessivas reedições e ampliações, passando dos iniciais dois para três volumes. Trata-se da primeira tentativa de reunir numa só obra todo o conhecimento sobre a Madeira, organizado por ordem alfabética e onde a etnografia regional está presente em diversas entradas.

Por último, Eduardo C. N. Pereira foi o autor das *Ilhas de Zargo*. Tendo como objetivo, referido no texto de apresentação da obra, dar a conhecer a realidade regional aos visitantes interessados, aborda a história, a geografia, o mar, a população e o património. Na parte relativa à população, têm lugar aspetos como festas e romarias, vida e costumes, traje regional, alimentação, música, etc. Trata-se da primeira obra numa perspetiva abrangente da etnografia regional. Aqui se recorre a muitos contributos de outros autores, nem sempre claramente identificados.

Uma boa parte dos trabalhos posteriores foram elaborados com a perspetiva de acrescentar algo ao que aqueles autores tinham definido, sempre sem uma visão crítica dos seus trabalhos. Não sendo possível aqui fazer referência exaustiva a todos eles, merecerão talvez citar-se ainda Eduardo Antonino Pestana, cuja obra foi reunida e publicada em dois volumes pela Câmara Municipal do Funchal após a sua morte⁴, e António Marques da Silva. Professor durante muitos anos em São Jorge, publicou diversos artigos sobre o falar e as tradições daquela zona. Saídos inicialmente em periódicos como o *Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa* ou *Mensário das Casas*

⁴ Com o título *Ilha da Madeira. I – Folclore Madeirense (Textos religiosos, Romanceiro, Troveiro, Cancioneiro)* e *Ilha da Madeira. II – Estudos madeirenses*, a obra reúne a maior parte da sua produção bibliográfica, incluindo trabalhos de recolhas e estudos diversos.

do Povo, nos anos 50 e 60, foram posteriormente reunidos em dois livros⁵, que os tornaram de novo acessíveis.

Em quase todos estes contributos, destaca-se a ausência de uma perspetiva comparativa, o que levou a frequentes casos de aparente “regionalização” de elementos culturais de vastas áreas ou mesmo do todo português.

Apenas a título de exemplo, pode referir-se a edição de vocabulários regionais. Foram diversas as obras publicadas até ao início dos anos 50. Referem-se aqui, por ordem cronológica: *Subsídios para o Cancioneiro do arquipélago da Madeira. Tradições populares e vocábulos do arquipélago da Madeira* (1914); *Populismo madeirense* (1914); *Palavras do Arquipélago da Madeira* (1929); *Vocabulário do dialecto madeirense* (1945-47); *Linguagem Popular da Madeira* (1970 – original de 1936-40); *Vocabulário madeirense* (1950); *Dizeres da ilha da Madeira* (1950); *Falares da Ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense* (1961). Claro que outros trabalhos deste tipo houve, mas inseridos em obras de temática mais vasta.

Este problema foi logo claramente identificado na altura. Como podemos ler num comentário ao penúltimo livro referido, inserido no *Arquivo Histórico da Madeira*, «estes trabalhos [...] pecam por excesso de registo vocabular, pois consideram madeirense palavras e expressões que, se não são usadas em todo o território nacional, pelo menos se encontram também numa ou noutra província do continente»⁶.

Esta falta de visão mais global é comum a outros temas abordados, mas é aqui suficiente o exemplo da linguagem falada.

De uma forma genérica, podemos dizer que a metodologia usada por estes autores consistia na pesquisa documental ou consulta do que entendessem ser informantes privilegiados, podendo ser considerada a grande exceção o trabalho de Carlos M. Santos que, a par do recurso a estes procedimentos, também se deslocou a muitos locais da Madeira, recolhendo *in loco* as informações que depois usou para os seus livros.

Numa perspetiva diferente, poderão referir-se aqui alguns trabalhos interessantes realizados por estudiosos não madeirenses, que se deslocaram à Madeira, para aqui efetuarem a recolha de informação necessária. As edições resultantes tiveram lugar no continente ou no Brasil, o que contribuiu para que ficassem um tanto à margem da etnografia regional, acabando por vir a ser “descobertos” anos mais tarde.

⁵ Têm os títulos *Linguagem popular da Madeira* e *Apontamentos de Etnografia Madeirense*, e foram editados pela DRAC, em 2013 e 2016, respetivamente.

⁶ S.A., 1950, «Existem palavras e locuções madeirenses?», pp. 205-206.

Nos anos 30, a alemã Käte Brüdt esteve na Madeira e Porto Santo, no âmbito de trabalho académico. Da sua pesquisa resultou o texto «Madeira. Estudo lingüístico-etnográfico», publicado no *Boletim de Filologia*.

Jorge Dias publicou na revista *Biblos*, em 1953, as suas «Nótulas de etnografia madeirense. Contribuição para o estudo das origens étnico-culturais da população da ilha da Madeira». Aqui encontramos já uma preocupação com a identificação de relações entre aspetos madeirenses e de diferentes regiões do continente.

Nos finais da mesma década, esteve na Madeira a efetuar o seu trabalho de campo sobre os barcos da pesca tradicional o investigador Kurt Welbust. Mais uma vez, o facto de o seu trabalho ter sido inserido numa publicação brasileira não viabilizou o seu conhecimento local.

c. Novas Etnografias

A revolução de 25 de Abril de 1974 significou, em quase todos os setores da sociedade portuguesa, uma rotura radical com o período do Estado Novo, o que também se notou no campo da etnografia.

De um modo geral, podemos apontar três grandes linhas de força para esta radical transformação:

– Em primeiro lugar, houve uma revalorização da vida rural. Os camponeses foram assumidos como os detentores de uma autenticidade que era necessário recuperar. Iniciativas como o Serviço Cívico, Campanhas de Dinamização Cultural e outras foram exemplos disso. Os jovens urbanos passaram períodos de duração variável junto das populações rurais, descobrindo e valorizando as formas ancestrais de vida. Em muitos casos, o espólio recolhido deu origem a espaços museológicos de carácter etnográfico, foi incorporado no reportório musical de cantores diversos, etc.;

– A afirmação das autonomias regionais nos Açores e Madeira. Embora começando por ser apenas um movimento de reivindicação política, aos poucos foi integrando outros aspetos, como o da identidade cultural, em que a tradição também assumiu, numa determinada fase, um papel legitimador. Daí resultou alguma da atividade de recolha etnográfica que adiante se referirá;

– Por último, o ensino superior em Portugal iniciou, nos anos 80, formações na área da antropologia. Das universidades foram saindo licenciados que foram contribuir, em muitos locais, para uma melhoria das técnicas de investigação, com trabalho de campo mais rigoroso e mais adequada análise dos seus resultados. Apesar disso, não se pode assumir que tenha sido uma mudança radical e imediata. Com frequência,

continuaram a ter uma predominância e influência significativa os eruditos locais. O trabalho de alguns constitui ainda fonte de informação indispensável para todos os interessados nos temas etnográficos.

2. Novos Caminhos da Etnografia Madeirense

a. Artigos Publicados

Na Madeira, o aumento do interesse pela divulgação de temas etnográficos traduz-se no aparecimento de novas publicações em que aqueles tinham lugar, além de a imprensa genérica também lhes dedicar um espaço significativo. Assim, a partir dos anos 80, foram editadas novas revistas, geralmente assumindo-se como “culturais”, em que a etnografia tinha um espaço variável. A primeira delas, *Atlântico. Revista de temas culturais*, foi editada por António Loja, entre 1985 e 1989, tendo saído 20 números, com periodicidade trimestral. Um levantamento dos artigos relevantes para este tema encontra-se no n.º 2 da *Xarabanda Revista*⁷. Segue-se, cronologicamente, o lançamento da revista semestral *Isleña: temas culturais das sociedades insulares atlânticas*, que ainda hoje a Direção Regional da Cultura publica. Embora não sejam numerosos, já incluiu alguns artigos sobre temas etnográficos. Segue-se a *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*, editada na sua primeira série (de 1988 a 1994) por Manuel Pedro Freitas, com uma segunda série da responsabilidade da autarquia, a partir de 2005. Por último, em 1992 é lançada a *Xarabanda Revista*, pela associação homónima. Inicialmente, foi semestral, passando posteriormente a anual. Foram publicados 19 números, até 2010, sendo posteriormente substituída por uma coleção de *Cadernos Xarabanda*, sem periodicidade regular.

Por outro lado, a imprensa generalista também atravessou um período em que dedicou espaço muito relevante a temas relacionados com a tradição. Não há levantamento muito rigoroso, mas podemos fazer uma estimativa, com base em bibliografia editada⁸ e levantamento do autor, que aponta para os seguintes dados aproximados:

⁷ TORRES, 1992, «Para uma bibliografia madeirense: ‘Atlântico’ e ‘Arquivo Histórico da Madeira’», pp. 55-57.

⁸ TORRES, 1995, *Para uma bibliografia madeirense. Cultura Tradicional*; VERÍSSIMO, 2021, *Madeira: Bibliografia do século XXI*.

- Anos 80: menos de 100;
- Anos 90: mais de 400;
- Anos 2000: entre 300 e 350.

Ainda sobre este tema, pode referir-se que os dois principais diários regionais da época (*Diário de Notícias* e *Jornal da Madeira*) tinham na sua redação jornalistas que – embora não em exclusivo – tinham como tarefa a elaboração de artigos sobre tradições regionais.

Nesta fase de forte aumento de publicações abordando estes temas, predominam os artigos sobre ofícios ou processos de fabrico tradicionais, festividades, cancionero ou traje. A sua grande maioria parte da realização de entrevistas a detentores de algum tipo de conhecimento da tradição, transcritas com um grau diferenciado de qualidade. A sua validade para o conhecimento etnográfico varia entre a mera identificação de um detentor de tradição, até um conhecimento com alguma profundidade sobre uma tecnologia, processo de fabrico, rituais, etc.

b. Grupos Folclóricos

O ano de 1990 marca o início de um processo de transformação dos grupos folclóricos madeirenses. De facto, em setembro deste ano, nas suas instalações do Santo da Serra, o Departamento de Etnografia e Folclore do INATEL, sob a direção de Tomás Ribas, realizou um estágio para os responsáveis dos grupos. Nesta formação, foram abordados numerosos temas relacionados com a sua atividade – traje, dança, música tradicional, literatura oral tradicional, etc.

A partir deste momento, alguns dos grupos iniciaram um processo de reorganização, passando a trabalhar de uma forma mais consciente, valorizando a recolha de danças, cantos e traje, em vez da simples imitação do que já era conhecido. De uma forma muito variada, foram assumindo processos mais rigorosos, contribuindo assim para um melhor conhecimento etnográfico da Madeira.

A par da realização anual do Festival de Folclore em Santana (sob diferentes denominações ao longo dos tempos), em que a generalidade dos grupos participava, foi lançada uma revista anual, com o título *Folclore* (hoje *Bailar*). Inicialmente inseria apenas informação sobre cada grupo, seu reportório ou traje. Progressivamente, foi começando a incluir recolhas efetuadas localmente por cada um deles, sobre um tema escolhido para cada edição do evento. Foi também uma forma de estimular o trabalho de campo, ao mesmo tempo que a emulação entre os grupos ia contribuindo para a sua melhoria. Este processo atingiu um novo patamar, em 2005, com a criação da AFERAM – Associação de Folclore e Etnografia e Folclore da Região Autónoma

da Madeira, reunindo os grupos mais significativos. Nota-se uma preocupação crescente com o rigor do seu trabalho, traduzido em frequentes ações de formação e edições.

c. A Universidade da Madeira

Partindo de uma fase inicial muito focada na habilitação do pessoal docente de que a Madeira carecia, a Universidade da Madeira foi fundada em 1988. Embora não tenha cursos especificamente na área da antropologia, quer a formação de docentes, quer os *Estudos da Cultura* contribuíram para uma aproximação aos temas etnográficos. Ao longo do tempo, tanto docentes como estudantes começaram a trabalhar nesta área, tendo já sido divulgados alguns resultados desse interesse. A título de exemplo, refere-se, entre os trabalhos mais recentes: o *Atlas Linguístico Etnográfico da Madeira e do Porto Santo*, vol. I, *A criação de gado: o gado bovino, ovino e caprino; o leite e os derivados; o porco e a matança*, de Naidea Nunes, Helena Rebelo, João Saramago e Gabriela Vitorino; «A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «Festa» e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo», de Naidea Nunes; *As saloias madeirenses. Representações de um património linguístico e cultural imaterial*, de Helena Rebelo; ou «Aspetos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal», de Aline Bazenga.

Como exemplos de trabalhos de autoria de alunos da Universidade da Madeira, referem-se aqui apenas dois: *Património Cultural Regional; Crenças e Tradições*, de Cátia Olim, e *Tradição dos palmitos no Domingo de Ramos na Serra de Água*, de Ana Paula Abreu.

d. Outros Bons Exemplos

Há umas tantas edições que se podem referir e que dão boas indicações de contributos positivos que vão sendo dados para uma etnografia regional de maior qualidade e com resultados mais promissores. Indicam-se a seguir alguns exemplos:

– Em 2016, Danilo Fernandes publicou uma investigação sobre a tecelagem do linho e lã, *Ferramentas do linho e da lã. O ADN do povoamento rural da Madeira*. O autor pesquisou em diversos locais da Madeira, tentando encontrar em zonas do continente paralelos na denominação das diferentes peças usadas nos processos produtivos. A partir daí, tira conclusões sobre possíveis origens de populações regionais.

Embora se possa perfeitamente discordar de algumas das conclusões, o factor de relevância é o trabalho comparativo, que coloca a Madeira no *mapa etnográfico nacional*;

– A interessante obra de Helena Rebelo – *As saloias madeirenses. Representações de um património linguístico e cultural imaterial* –, já anteriormente referida, é também um bom exemplo de tentativa de apresentação da diversidade dos festejos do Espírito Santo, em particular do traje das saloias, ao longo da Madeira e Porto Santo. A leitura permite abarcar uma boa panorâmica desta realidade tradicional;

– O terceiro exemplo aqui apresentado é a coleção de *Cadernos de Campo*, que o Museu Etnográfico da Madeira começou a editar em 2017. Com base em trabalho de recolhas efetuadas ao longo dos tempos, cada número reúne contributos dedicados a uma temática, conseguindo apresentar uma boa visão abrangente da sua realidade na Madeira;

– No ano de 2020, editou a AFERAM o segundo Caderno da sua coleção, com o título *Coberturas de cabeça. Carapuças, Barretes, Chapéus, Lenços e Mantilhas*, ilustrando a sua grande diversidade na Madeira e com uma breve comparação com chapéus de diferentes regiões continentais.

– Por último, temos a edição recente pela Associação Xarabanda de *Os fonogramas da tradição madeirense (levantamento e sistematização)*. A obra apresenta uma listagem dos fonogramas editados com músicas da tradição regional, agrupando-os por tipologia de intérpretes, madeirenses ou não, incluindo um breve apanhado de instrumentos musicais usados e géneros registados. Embora com um carácter essencialmente de inventário, fornece muitas pistas para aprofundamento do tema.

3. A Etnografia Madeirense Atual e os seus Desafios

Olhando para o panorama atual da etnografia na Madeira, podemos constatar a existência de linhas de trabalho com sucesso diversificado. Começando pela imprensa generalista, nota-se uma clara diminuição da presença da etnografia nas suas páginas. Podemos atribuí-la a diferentes causas. Por um lado, houve alterações em toda a imprensa escrita, que poderemos admitir ter deixado de estar recetiva a dar muito espaço a determinados temas. Há também uma tendência para o espaço das revistas culturais ir sendo ocupado, cada vez mais, por publicações genéricas, frequentemente editadas por autarquias, onde os temas são tratados com uma maior superficialidade e de novo voltados para realidades muito locais.

Podemos também supor um certo cansaço, motivado pela frequente repetição de temas e entrevistados, resultando numa ausência de novidade, fator determinante para as opções editoriais.

Outra vitalidade e profundidade da pesquisa é demonstrada pela Universidade da Madeira, pela Direção Regional de Cultura e por entidades como a Associação Xarabanda ou a AFERAM. Têm sido responsáveis por um leque alargado de publicações que contribuem para uma etnografia de maior qualidade. Apenas se poderá acrescentar que seria vantajoso incrementarem os laços de colaboração que já existem.

Por último, devem ser referidas obras que, pelo seu aspeto gráfico ou cuidado de impressão, se destinam a um público de turistas e curiosos. Podendo atingir um leque de leitores alargado, baseiam-se, muitas vezes, na afirmação de estereótipos ou numa apresentação da tradição tendente a confirmar, de certa forma, iniciativas que a aproveitam/deturpam, de uma forma consciente, com um objetivo de rentabilidade financeira. Embora com outros motivos subjacentes, estamos perante um regresso às ideias da etnografia regionalista atrás mencionada.

Muitos contributos para a etnografia madeirense que vemos serem publicados enfermam de um problema grave: é um facto que os verdadeiros detentores da tradição, em muitas áreas, vão sendo cada vez mais raros, pelo tempo já decorrido desde que os saberes se tornaram apenas recordações, perdendo toda a sua componente funcional. Assim, vemos, cada vez mais, serem usados como informantes pessoas que falam sobre o que são ou foram, na realidade, apenas as recordações dos mais velhos, que lhas transmitiram, já sem qualquer associação com o quotidiano vivido. Como alternativa, temos os casos em que a realidade que o informante transmite se baseia no conhecimento de trabalhos etnográficos existentes, transformando-a numa ficção que descreve uma realidade já apenas imaginada e reconstruída a partir desses dados.

Rematando este ponto, deve aqui abordar-se um outro tipo de fontes etnográficas, que ainda não foi devidamente estudado. Na verdade, não é só através da escrita que se divulga a tradição popular. Tem havido algumas tentativas de divulgar em filme (através de cassetes em formato VHS, de DVD ou outros formatos) práticas tradicionais da Madeira. Temos três edições de Eduardo Costa, em DVD (2014), dedicadas ao linho, à cana e ao trigo⁹; um outro DVD editado por Paulo Ferraz Studio,

⁹ COSTA, 2014, *Das canas ao engenho*; COSTA, 2014, *Os tormentos do linho*; e COSTA, 2014, *O trigo do Norte*.

no ano seguinte¹⁰, e a mais recente iniciativa, que se traduziu na série *Raízes sonoras. Instrumentos e tradição*¹¹, realizada por António Plácido, produzida pela Associação Xarabanda e transmitida pela RTP, em 2020. Está igualmente disponível em linha um conjunto de filmagens efetuadas no âmbito de um projeto que a Associação Xarabanda tem em curso desde há uns anos, denominado *Charamba, em busca de um futuro* e dedicadas a entrevistas a estudiosos ou registos de campo.

Existem ainda numerosas gravações em vídeo de festivais de folclore ou reconstituições de práticas tradicionais, a merecerem um olhar atento e avaliação rigorosa. Trata-se de um campo ainda por explorar, em grande medida, mas que permite abrir novos caminhos para um melhor conhecimento da tradição da Madeira.

a. A Definição de Conceitos

Com muita frequência, usam-se conceitos mal ou nada definidos. A primeira questão por resolver claramente é a da distinção tradicional/popularizado. Na literatura etnográfica usam-se os dois termos de uma forma descuidada, sem deixar bem clara a sua distinção.

Definir tradição não é uma tarefa fácil. Aceita-se, com alguma facilidade, que é o que vem de gerações anteriores. Por vezes, basta esta noção para estabelecer o critério e considerar algum traço cultural como tradicional¹². Mistura-se aqui o uso indiscriminado de popular. Popular é do povo ou é aquilo de que muita gente gosta? Um excelente exemplo desta confusão pode ser dado pela canção criada por Max, *Bailinho da Madeira*. Sendo aqui irrelevante discutir as pretensas influências na sua criação, a verdade é que se tornou muito popular. Daí até a considerar tradicional o passo não é muito grande, e foi dado por alguns. Ao longo dos tempos, muitos têm sido os fonogramas editados com esta faixa e identificando-a, frequentemente, como “popular”, ignorando a sua autoria. Será o início de um processo que levará de obra de autor / obra popular / obra popularizada / peça tradicional, sem referência (conhecimento) de autor? Não é fácil de acontecer, até porque estamos em época

¹⁰ STUDIO, 2015, *A Festa. Cores, Sons e Sabores do Natal Madeirense*.

¹¹ Conjunto de dez episódios, dedicados aos diferentes instrumentos da tradição madeirense, sua origem, utilização e construção.

¹² Um exemplo de critério é da BBC que, para uma campanha de recolhas efetuadas nos anos 50 do século passado, inseriu nas instruções para os coletores o seguinte: «que passou por tradição oral por pelo menos duas gerações, sendo a versão original geralmente desconhecida ou talvez escondida por variantes que tenham entretanto surgido». Citação traduzida de WESTERN, 2015, *National Phonography. Field Recording and Sound Archiving in Postwar Britain*, p. 148. Na obra, o autor trata com alguma profundidade das questões teóricas e práticas que orientaram campanhas de recolhas fonográficas efetuadas no Reino Unido.

de reivindicação de autorias, mais que não seja para cobrança das respetivas vantagens monetárias. Mesmo que aconteça, será forçosamente um processo longo no tempo.

Outro exemplo de tradicionalização que foi possível recentemente identificar é o do *Baile do preto*. Gravado inicialmente, no âmbito de recolhas da música tradicional, pela equipa coordenada por Artur Andrade e António Aragão, no Porto da Cruz, teve uma primeira divulgação pelo grupo Xarabanda, no seu LP *Tocares e cantares tradicionais da Madeira*, de 1988. A versão registada eliminou o refrão e foi a que se tornou mais conhecida. No entanto, o registo original ainda se preserva e foi incluído na edição que, em 2021, comemorou os cem anos de António Aragão. No âmbito da pesquisa realizada para a edição do inventário dos fonogramas da tradição musical regional¹³, foi encontrado um disco de 78 rpm gravado, em inícios do século XX, por César Nunes, intérprete brasileiro que passou algum tempo em Portugal, com a canção *Um baile de pretos*, de sua autoria. Ficou assim a saber-se que aquela peça assumida como tradicional (registada apenas no Porto da Cruz) resultou da popularização de uma obra de autor identificado. Refere-se aqui apenas para ilustrar como é limitado o conhecimento de que dispomos em relação a estes temas e a necessidade de os aprofundar antes de se fazerem afirmações perentórias.

Duas obras poderão dar contributos interessantes para quem quiser aprofundar o tema: o clássico *The Invention of Tradition*, de Eric Hobsbawn e Terence Ranger, e outra obra menos conhecida, mas igualmente importante, *In Search of Authenticity*, de Regina Bendix. A primeira aborda o processo de aparecimento e fixação daquilo que, mais tarde, se passou a considerar uma tradição. O segundo trata da forma como na Alemanha e nos Estados Unidos da América se encarou a noção de autenticidade. Muitas das questões podem ser trazidas para a realidade madeirense, onde tantas vezes já assistimos a debates que as abordavam.

b. A Questão da Identidade Madeirense

A identidade foi um fator de peso na etnografia que se fez na primeira metade do século passado, podendo colocar-se a questão da sua pertinência atual. Será que hoje ainda faz sentido? É um facto que a globalização mundial vem reforçando a afirmação das identidades locais, mas estas têm de se poder definir com alguma clareza e de uma forma distintiva.

¹³ CAMACHO, TORRES, 2022, *Os fonogramas da tradição madeirense (levantamento e sistematização)*.

Na Madeira, não há muitos trabalhos que tentem desenvolver este conceito. Refere-se aqui apenas um texto de autoria de José Eduardo Franco, inserido no *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico* do ano de 2009¹⁴, em que o autor apresenta a sua visão sobre o tema.

c. Integração da Realidade Madeirense numa Realidade mais Alargada

É fundamental passar a uma nova dimensão, em que a realidade madeirense passe a ser tratada como fazendo parte integrante duma teia mais vasta, portuguesa à partida, mas com outras ramificações, como as europeias ou as que residem nos diferentes destinos da emigração regional.

Mais importante do que simples novas descrições, é fundamental apontar para a definição de realidades complexas – redes de elementos culturais, em que estejam presentes as similitudes mas também as diferenças. É fundamental assumir a mobilidade dos traços culturais e a sua constante transformação e recombinação local.

Não sendo estas questões exclusivas da Madeira, podemos encontrar contributos interessantes em publicações diversas, como a revista *Ethnologia Europaea*, numa das suas edições de 2020. A introdução ao vol. 50, n.º 1, de autoria de Cyril Isnart e Alessandro Testa, aborda a forma como a tradição é encarada pela etnografia europeia da atualidade¹⁵. Constatando que as tradições e o tradicional estão ainda muito ativos na construção e expressão de identidades locais, solidificando ou contestando a ordem política, legitimando narrativas e discursos, adquirindo ou mantendo posições simbólicas na arena das interações sociais e políticas, acedendo ou protegendo recursos económicos, ou colocando uma localidade, região ou país no mapa das relações transregionais ou transnacionais, focam a sua análise em três aspetos da dimensão experiencial da tradição:

- Reencantamento: tem havido uma recuperação recente de raízes cristãs esquecidas, ou de raízes ancestrais “imaginadas”;
- Ritualização: ao mesmo tempo, deteta-se a definição de novos “ritos” com referência a rituais ancestrais;

¹⁴ FRANCO, 2009, «Nacionalidade e regionalidade: processos de mitificação e estruturação identitária (o caso da nacionalidade portuguesa e da regionalidade na Madeira)», pp. 73-80.

¹⁵ ISNART, TESTA, 2020, «Reconfiguring Tradition(s) in Europe. An Introduction to the Special Issue», pp. 5-19.

– Patrimonialização: a tradição faz parte da identidade patrimonial “criada” a partir de finais do século XIX. No entanto, este processo realça o peso de certos dilemas: turismo/local; autêntico/falso; participação/exibição; património/vida diária...

Este assunto é, posteriormente, desenvolvido pelo segundo dos autores num dos artigos inseridos no mesmo número da publicação¹⁶, recorrendo a três exemplos da realidade europeia atual.

d. O Património Cultural Imaterial (PCI)

O último aspeto a abordar neste texto diz respeito ao Património Cultural Imaterial. Trata-se de um bom exemplo de apropriação de um termo que se transforma num chavão, aplicado de uma forma quase indiscriminada ao que, de alguma forma, se pode associar à tradição. Dantes, nos anos 80 ou 90, desprezava-se por ser “folclore”, agora exatamente a mesma realidade já é um elemento cultural importantíssimo, pois é PCI.

Sobre este tema, sugere-se aqui a leitura do *Caderno Xarabanda* n.º 1¹⁷, em que se traça uma panorâmica histórica do conceito de PCI, se transcreve a Convenção Internacional que o define e se aborda de uma forma sumária a realidade madeirense neste campo. Por ser desnecessário, não se repete aqui o seu conteúdo.

A modo de conclusão, será um pouco prematuro afirmar que a capacidade de produção de conhecimento etnográfico se esgotou. O que se torna indispensável é uma nova abordagem da tradição regional, sempre partindo da base importante que é composta por tantos contributos que se foram acumulando ao longo dos tempos. Para isso, a discussão e clarificação de conceitos é um passo indispensável.

Bibliografia

ABREU, Ana Paula Reis de, 2020, *Tradição dos palmitos no Domingo de Ramos na Serra de Água*, Funchal, Universidade da Madeira, Trabalho apresentado no âmbito da Unidade Curricular Sociedade e Cultura Madeirense.

ARAGÃO, António (coord.), 1981, *A Madeira vista por estrangeiros 1455-1700*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais.

¹⁶ TESTA, 2020, «Intertwining Processes of Reconfiguring Tradition. Three European Case Studies», pp. 20-38.

¹⁷ TORRES, 2016, *O Xarabanda, a Madeira e o Património Cultural Imaterial*.

- BAZENGA, Aline, 2019, «Aspetos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, Funchal, Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, 1, pp. 727-758, disponível em linha <https://ahm-abm.madeira.gov.pt>.
- BENDIX, Regina, 1997, *In Search of Authenticity. The Formation of Folklore Studies*, Madison, The Winsconsin University Press.
- BRÜDT, Käte, 1937-38, «Madeira. Estudo lingüístico-etnográfico», in *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos: V: 1-2, pp. 59-91; V: 3-4, pp. 289-349.
- CALDEIRA, Abel Marques, 1961, *Falares da Ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense*, Funchal, Eco do Funchal.
- CALDEIRA, Paulo Ricardo, VALE, António do, 2020, *Coberturas de cabeça. Carapuças, Barretes, Chapéus, Lenços e Mantilhas*, Funchal, AFERAM.
- CAMACHO, Rui, TORRES, Jorge, 2022, *Os fonogramas da tradição madeirense (levantamento e sistematização)*, Funchal, Associação Xarabanda.
- DIAS, Jorge, 1953, «Nótulas de etnografia madeirense. Contribuição para o estudo das origens étnico-culturais da população da ilha da Madeira», in *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. XXVIII, pp. 179-201.
- FERNANDES, Danilo, 2016, *Ferramentas do linho e da lã. O ADN do povoamento rural da Madeira*, Funchal, Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova.
- FERREIRA, César, 2019, *Festas e romarias*, coleção *Cadernos de Campo. Museu Etnográfico da Madeira*, n.º 3, Funchal, Direção Regional da Cultura.
- FERREIRA, Lídia Góes, VASCONCELOS, Agostinho, LÍBANO, Fernando, FERREIRA, César, 2017, *Artefactos em cana vieira*, coleção *Cadernos de Campo. Museu Etnográfico da Madeira*, n.º 1, Funchal, Direção Regional da Cultura.
- FERREIRA, Lídia Góes, 2018, *Traços de madeira. A arte de embutir*, coleção *Cadernos de Campo. Museu Etnográfico da Madeira*, n.º 2, Funchal, Direção Regional da Cultura.
- FERREIRA, Lídia Góes, 2020, *Lapinhas d'A Festa*, coleção *Cadernos de Campo. Museu Etnográfico da Madeira*, n.º 4, Funchal, Direção Regional da Cultura.
- FRANÇA, Isabella de, 1970, *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal 1853-1854*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- FRANCO, José Eduardo, 2009, «Nacionalidade e regionalidade: processos de mitificação e estruturação identitária (o caso da nacionalidade portuguesa e da regionalidade na Madeira)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1, pp. 73-80.

- FREITAS, Paulo, 1996, «Como íamos dizendo...», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Xarabanda, 9, primeiro semestre, pp. 17-19.
- HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence (coord.), 2000, *The Invention of Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ISNART, Cyril, TESTA, Alessandro, 2020, «Reconfiguring Tradition(s) in Europe. An Introduction to the Special Issue», in *Ethnologia Europaea*, vol. 50, n.º 1, pp. 5-19.
- KAHL, Dr. [SARMENTO, Alberto Artur], 1914, «Populismo madeirense», in *Heraldo da Madeira*, Funchal: 21 de janeiro, p. 1; 25 de janeiro, p. 1; 28 de janeiro, p. 1; 5 de fevereiro, p. 1; 11 de fevereiro, p. 1; 15 de fevereiro, p. 1; 22 de fevereiro, p. 1; 1 de março, p. 1; 8 de março, p. 1.
- LÍBANO, Fernando, 2021, «Do teu fruto, o mel. Mel de figos e mel de *vinho em mosto*», in *Cadernos de Campo. Museu Etnográfico da Madeira*, Funchal, Direção Regional da Cultura, nº 5.
- NEPOMUCENO, Rui, 2008, *A Madeira vista por escritores portugueses*, Funchal, Funchal 500 Anos.
- NUNES, Naidea, 2019, «A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «Festa» e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo», in CHAVES, Duarte Nuno (coord.), *Memória e identidade insular. Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, Velas (São Jorge), Centro de Humanidades, Santa Casa da Misericórdia das Velas, pp. 337-356.
- NUNES, Naidea, REBELO, Helena, SARAMAGO, João, VITORINO, Gabriela, 2019, *Atlas Linguístico Etnográfico da Madeira e do Porto Santo*, vol. I, *A criação de gado: o gado bovino, ovino e caprino; o leite e os derivados; o porco e a matança*, Funchal, Direção Regional da Cultura.
- OLIM, Cátia Maria de Freitas Pinto de, 2011, *Património Cultural Regional; Crenças e Tradições*, dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira, disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/596>, acedido em 30-03-2016.
- PEREIRA, Eduardo C. N., 1939, *Ilhas de Zargo*, 2 vols., Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1965, *Ilha da Madeira. I – Folclore Madeirense, (Textos religiosos, Romanceiro, Troveiro, Cancioneiro)*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1970, *Ilha da Madeira. II – Estudos madeirenses*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.

- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1955, *Folclore madeirense*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- REBELO, Helena, 2021, *As saloias madeirenses. Representações de um património linguístico e cultural imaterial*, Lisboa, Edições Colibri.
- RIBEIRO, Emanuel, 1929, *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Porto, Ed. de Maranus (ampliação de texto da *Revista Lusitana*, 1920).
- S.A., 1950, «Existem palavras e locuções madeirenses?», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Funchal, Arquivo Regional da Madeira, VIII: 3-4, pp. 204-211.
- SANTOS, Carlos M., 1937, *Tocares e cantares da ilha. Estudo do folclore da Madeira*, Funchal, Edição do autor.
- SANTOS, Carlos M., 1942, *Trovas e bailados da Ilha. Estudo do folclore musical da Madeira*, Funchal, Delegação de Turismo da Madeira.
- SANTOS, Carlos M., 1952, *O Traje Regional da Madeira. Estudo*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- SANTOS, Jaime Vieira, 1945-47, «Vocabulário do dialecto madeirense», in *Revista de Portugal. Série A. Língua Portuguesa*, Lisboa: VIII/37, outubro de 1945, pp. 61-64; VIII/39, dezembro de 1945, pp. 145-149; VIII/40, janeiro de 1946, pp. 208-211; IX/41, fevereiro de 1946, pp. 44-47; IX/44, maio de 1946, pp. 204-207; X/46, julho de 1946, pp. 26-29; X/47, setembro de 1946, pp. 68-71; X/48, outubro de 1946, pp. 113-116; XI/52, fevereiro de 1947, pp. 64-67; XI/55, maio de 1947, pp. 177-180; XII/58, outubro de 1947, pp. 80-83.
- SILVA, António Marques da, 2013, *Linguagem popular da Madeira*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- SILVA, António Marques da, 2016, *Apontamentos de Etnografia Madeirense*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- SILVA, António Ribeiro Marques da, 2008, *Passaram pela Madeira: textos de autores anglo-saxónicos que visitaram a ilha: 1687-2000*, Funchal, Funchal 500 Anos.
- SILVA, Fernando Augusto da, 1950, *Vocabulário madeirense*, Funchal, Junta Geral do Funchal.
- SILVA, Fernando Augusto da, MENESES, Carlos Azevedo de, 1921, *Elucidário Madeirense*, 2 vols., Funchal, Tip. Esperança.
- SOARES, Urbano Canuto, 1914, «Subsídios para o Cancioneiro do arquipélago da Madeira. Tradições populares e vocábulos do arquipélago da Madeira», in *Revista Lusitana*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, XVII: 1-2, pp. 135-158.
- SOUSA, Luís de, 1950, *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*, Funchal, Edição do autor.

- TESTA, Alessandro, 2020, «Intertwining Processes of Reconfiguring Tradition. Three European Case Studies», in *Ethnologia Europaea*, vol. 50, n.º 1, pp. 20-38.
- TORRES, Jorge, 1992, «Para uma bibliografia madeirense: 'Atlântico' e 'Arquivo Histórico da Madeira'», *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Xarabanda, 2, Nov., pp. 55-57.
- TORRES, Jorge, 1993, «Para uma bibliografia madeirense: 'Islenha' e 'Girão'», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Xarabanda, n.º especial, 22 Jul., pp. 49-50.
- TORRES, Jorge, 1995, *Para uma bibliografia madeirense. Cultura Tradicional*, Funchal, Secretaria Regional de Educação.
- TORRES, Jorge, 2016, *O Xarabanda, a Madeira e o Património Cultural Imaterial*, Funchal, Associação Xarabanda.
- VERÍSSIMO, João Nelson, 2021, *Madeira: Bibliografia do século XXI*, Funchal, disponível em <https://passosnacalçada.wordpress.com/madeira-bibliografia-do-seculo-xxi/>, acedido em 8-8-2022.
- WELBUST, Kurt, 1960, «Barcos de Pesca na Madeira», in *Estudos e ensaios folclóricos em homenagem a Renato Almeida*, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, Secção de Publicações, pp. 325-334.
- WESTERN, Tom, 2015, *National Phonography. Field Recording and Sound Archiving in Postwar Britain*, tese de Doutoramento em Música, Edimburgo, Universidade de Edimburgo, disponível em <https://era.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/33113/Western2016.pdf?sequence=2&isAllowed=y>, acedido em 21-3-2019.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997, *Visitantes e escritos germânicos da Madeira 1815-1915*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2018, *Firmas e visitantes germânicos na Madeira*, Funchal, Associação Xarabanda.

Discografia, Filmografia e Webgrafia

- ARAGÃO, António, ANDRADE, Artur, 2022, *Música Tradicional da Madeira* (coleção de 10 CDs com livro de apresentação), Funchal, Direção Regional de Cultura e Associação Xarabanda.
- COSTA, Eduardo, 2014, *Das canas ao engenho*, DVD, Funchal, Eduardo Costa Produções Audiovisuais.
- COSTA, Eduardo, 2014, *Os tormentos do linho*, DVD, Funchal, Eduardo Costa Produções Audiovisuais.

- COSTA, Eduardo, 2014, *O trigo do Norte*, DVD, Funchal, Eduardo Costa Produções Audiovisuais.
- STUDIO, Paulo Ferraz, 2015, *A Festa. Cores, Sons e Sabores do Natal Madeirense*, DVD, Funchal, Paulo Ferraz Studio.
- NUNES, César, [s.d.], *Um baile de pretos*, Beka 9538 9537, disponível em https://arquivosonoro.museudofado.pt/repertorios?search=c%C3%A9sar%20nunes&fbclid=IwAR1JbiqVHI6DwXLIkdyaZuzt1ZWvRe9IDxUfFaXWj_VbINgekTzrkTXnsc8, acedido em 25-01-2022.
- PLÁCIDO, António (realização), 2021, *Raízes sonoras. Instrumentos e tradição*, disponível em <https://www.rtp.pt/play/p7423/e482387/raizessonoras>, acedido em 25-01-2022.
- XARABANDA, 1988, *Tocares e cantares tradicionais da Madeira*, LP, Funchal, Associação Xarabanda.
- XARABANDA, 2019-2021, *Charamba em busca de um futuro*, série de 14 episódios, Funchal, Associação Xarabanda, disponíveis em <http://xarabanda.pt/charamba/>, acedido em 25-01-2022.